

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O PAPEL DOS FATORES LINGUÍSTICOS

Maria Eugenia DUARTE

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/CNPq/FAPERJ

Maria da Conceição PAIVA

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/CNPq

RESUMO

Neste artigo, discutimos o papel dos fatores estruturais na variação linguística, procurando, sobretudo, destacar a possibilidade de depreender princípios mais gerais acerca das restrições que operam sobre fenômenos fonológicos e sintáticos e a forma como diferentes processos se interrelacionam. No nível fonético-fonológico, retomamos a importância do contexto subsequente e da classe gramatical na realização variável do ditongo [ey] e no apagamento do rótico em coda. No nível sintático-semântico, focalizamos o efeito da manutenção/mudança da função do antecedente e sua maior ou menor referencialidade nos processos de implementação do objeto anafórico nulo e de preenchimento do sujeito pronominal. Com base em resultados obtidos para esses fenômenos em diferentes comunidades de fala do português brasileiro, apontamos a regularidade no comportamento desses fatores, o que permite inferir tendências mais gerais de mudança no português brasileiro.

ABSTRACT

This article discusses the role of structural factors in linguistic variation in an attempt to find more general principles which restrain phonological and syntactic phenomena and to show how different processes are inter-related. At the phonetic-phonological level, we emphasize the importance of the following context and the grammatical class in the variable realization of the diphthong [ey] and in the deletion of the rotic in syllabic coda. At the syntactic-semantic level, we bring out the effect of same/different function of an antecedent and the degree of referentiality in processes of change in

direction of null/overt pronouns, using the results for the course of the implementation of null objects and overt pronominal subjects. Results for such phenomena in several speech communities show the regular effect of the mentioned factors and allows one to infer more general tendencies in processes of change affecting Brazilian Portuguese.

PALAVRAS-CHAVE

Fatores estruturais. Fenômenos fonético-fonológicos. Fenômenos sintáticos. Variação linguística.

KEY-WORDS

Structural factors. Phonetic-phonological phenomena. Syntactic phenomena. Linguistic variation.

Introdução

Gostariamos de iniciar este artigo com um trecho retomado de SCHILLING- ESTES (2002: 203), que nos lembra que “de todos os subcampos da Sociolinguística, o estudo da variação linguística talvez seja aquele que enfatiza mais fortemente o lado linguístico da sociolinguística¹. Portanto, afirmar que fenômenos de variação e mudança são motivados pela estrutura da língua é afirmar o óbvio. Desde o clássico texto de WEINREICH, LABOV E HERZOG (1968), ficou bem assentado o princípio de que os fenômenos de variação e mudança observados nas comunidades de fala são controlados por fatores internos que atuam de forma sistemática. Retomando LABOV (1994), muitas das questões colocadas pela Sociolinguística Variacionista envolvem necessariamente aspectos de âmbito fonético/fonológico, morfológico e sintático, que fornecem as bases para respostas a algumas das questões centrais acerca da mudança linguística, especialmente as que se relacionam às

¹ “of all the subfields of sociolinguistics, the study of linguistic variation is perhaps the one with the strongest emphasis on the “linguistic side” of “sociolinguistics” (SCHILLING- ESTES, 2002, p. 203).

restrições mais gerais ao uso e implementação de variantes linguísticas e à interrelação entre mudanças aparentemente independentes.

Ao longo de mais de meio século em que se acumularam estudos empíricos de variações nos diversos níveis da língua, em diferentes comunidades de fala, a Sociolinguística Variacionista tem buscado generalizações, ou seja, princípios que, relacionados entre si, permitam esclarecer os mecanismos subjacentes a processos de variação e mudança em geral. Em função dos objetivos e da própria natureza empírica da pesquisa sociolinguística, esse objetivo pode parecer contraditório, visto que qualquer mudança linguística está encaixada na estrutura social da comunidade de fala. Retomando os termos de LABOV (1994:3), “para entender as causas da mudança, é necessário conhecer em que ponto da estrutura social a mudança se origina, como ela se espalha para outros grupos sociais e quais os grupos que se mostram mais resistentes a ela”². Nesse caso, é procedente a seguinte pergunta: em que medida é possível generalizar o efeito de fatores internos ou estruturais, e, conseqüentemente, depreender princípios de variação e mudança, a partir do estudo de comunidades específicas? A resposta a essa questão decorre, em grande parte, da própria dinâmica do trabalho sociolinguístico, que permite, através do acúmulo de observações de diferentes comunidades de fala, proceder a inferências e testar hipóteses.

Os estudos variacionistas levados a efeito no português brasileiro têm contribuído de forma substancial para a dinâmica brevemente esquematizada até aqui. Como já colocado em PAIVA e DUARTE (2007), o desenvolvimento das pesquisas variacionistas no Brasil, contribuiu para: (a) trazer à luz a configuração variável dessa variedade; (b) depreender princípios teóricos mais gerais que explicam, em grande parte, a generalização de diversos fenômenos e (c) apontar a interdependência entre diversos processos de mudança. Neste artigo, queremos: (a) destacar a regularidade/sistematicidade no efeito de algumas variáveis estruturais

² “to understand the causes of change, it is necessary to know where in the social structure the change originated, how it spread to other social groups and which groups showed most resistance to it” (LABOV, 1994: 3)

associadas a fenômenos fonológicos e sintáticos; (b) discutir a forma como o efeito dessas variáveis estruturais pode explicar o encaixamento de mudanças em curso na variedade brasileira do português (PB, daqui em diante). Para tanto, retomamos alguns fenômenos de variação fonética/fonológica e sintáticos largamente estudados no PB.

Dada a multiplicidade de fenômenos já estudados em diversas regiões e diferentes amostras de fala, somos obrigadas a operar um recorte, que reflete, em grande parte, interesses particulares das autoras. Assim, no nível fonético-fonológico, nos concentramos em fatores que se mostram significativos na realização variável do ditongo decrescente [ey] e no enfraquecimento e apagamento do rótico em coda silábica. No nível sintático-semântico, trataremos de fatores que aceleram ou retardam mudanças relacionadas à expressão ou apagamento de pronomes nas funções nominativa e acusativa. Considerando resultados obtidos em diferentes estudos desses fenômenos, procuramos mostrar a forma pela qual a dinâmica do estudo sociolinguístico permite depreender tendências mais gerais no efeito de fatores estruturais. Como não é possível focalizar todos os estudos já realizados sobre esses fenômenos variáveis, tomamos por base o critério diatópico e selecionamos trabalhos que representam variedades bastante distintas, quais sejam a variedade nordestina, a variedade carioca e a variedade do sul do Brasil. Ainda que discutível, esse recorte tem a vantagem de nos permitir enfatizar um ponto que nos parece central, isto é, o acúmulo de evidências independentes de influências diatópicas. Com o intuito de neutralizar a intervenção de fatores como oral/urbano e assegurar a confiabilidade da comparação, nos circunscrevemos a estudos baseados em variedades urbanas, faladas em capitais brasileiras, embora os mesmos fatores se mostrem atuantes em estudos feitos no interior dos estados e até mesmo em comunidades rurais isoladas, remanescentes de quilombos.

1. A regularidade de fatores fonéticos

Em um artigo dedicado a um levantamento de variações fonético-fonológicas no inglês britânico, FOULKES (2006:4) destaca que, do ponto de vista estritamente linguístico, a compreensão da variação e mudança fonético-fonológica exige considerar *fatores contextuais* e *fatores gramaticais*. Dentre *os fatores contextuais*, o autor inclui as restrições fonotáticas (contexto antecedente e contexto seguinte) e a posição do segmento na sílaba. Apenas a título de ilustração, podemos lembrar aqui o processo de palatalização de /t/ e /d/ e a harmonização vocálica. Nos dois casos, a assimilação de traços fonéticos da vogal seguinte explica naturalmente a realização de /t/ e /d/ como africada (ver BISOL, 1986, HORA 1993, ABAURRE e PAGOTO, 2002) e o levantamento da vogal pretônica (BISOL, 1981; CALLOU, 1986 e PEREIRA, 2004).

No âmbito dos *fatores gramaticais*, destaca-se a forma como propriedades de outros níveis da gramática interagem com a variação fonético-fonológica e controlam a direcionalidade de um processo de mudança. Tais restrições resultam naturalmente das interrelações entre os diferentes níveis da língua, mas podem decorrer igualmente de contato entre sistemas gramaticais distintos. Em função mesmo da polêmica em torno da mudança fonético-fonológica, mais frequentemente, estudos nesse nível têm procurado verificar a influência de variáveis como a frequência de ocorrência dos itens atingidos, a formalidade ou extensão da palavra assim como da sua classe gramatical (OLIVEIRA, 1995, 1997).

O ponto que nos interessa destacar é a possibilidade de generalizar tendências de variação e mudança, a partir das convergências dos resultados aferidos em diferentes estudos para fatores de natureza fonotática, particularmente o contexto subsequente, e de natureza gramatical, em especial a estrutura e classe do vocábulo.

1.1. Restrições ligadas ao contexto subsequente

Consideraremos aqui o efeito do contexto subsequente na realização dos dois fenômenos fonológicos “eleitos” para discussão nesta oportunidade:

- a. a realização variável do ditongo decrescente [ey] ou monotongação de [ey]
cadeira ~ cadera beijo ~ bejo
marceneiro ~ marcenero deixo ~ dexo

- b. o apagamento do rótico em coda silábica
trabalhar ~ trabalhá mulher ~ mulhé
beber ~ bebê sargento ~ sagento

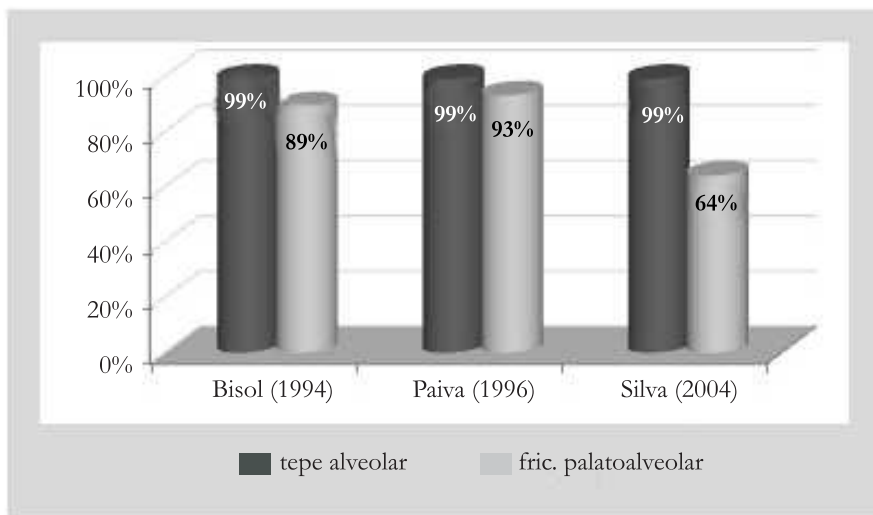
Diferentemente da **realização** de [ey], uma variável binária, a realização do rótico em coda, envolve a concorrência de diversas variantes, diatopicamente distribuídas (ver. CALLOU *et alii*, 1996). Dessa forma, nos restringimos ao **apagamento** do rótico, um processo largamente atestado em diferentes regiões brasileiras.

Os dois fenômenos apresentam, no entanto, diversas características comuns: ao que tudo indica, remontam a estágios muito anteriores da língua e são de natureza supradialetal no português brasileiro.

Em diferentes estudos variacionistas sobre a realização da semivogal anterior no ditongo decrescente [ey], destacam-se, como primeiro condicionamento da variante monotongada as propriedades fonéticas do segmento seguinte ao ditongo: a semivogal [y] é quase categoricamente suprimida quando seguida do tepe [r] (*cadera*, *marcenero*) e alcança índices significativamente altos antes das fricativas alveopalatais (*dexo*, *bejo*) (VEADO, 1983; BISOL, 1994; PAIVA, 1996, 2003; CABREIRA, 1996; MOTA, 1998; ARAUJO, 1999; SILVA, 1997; LOPES, 2002). A título de ilustração, reproduzimos, no gráfico 1, os valores obtidos em três estudos sobre comunidades geograficamente distanciadas, tais como:

João Pessoa (SILVA, 2004), Rio de Janeiro (PAIVA, 1996) e Porto Alegre (BISOL, 1994).

GRÁFICO 1: Efeito do contexto subsequente na monotongação de [ey]



O efeito do tepe alveolar e das fricativas palatoaveolares sobre o incremento da média de monotongação de [ey] é inquestionavelmente regular: a semivogal anterior é apagada principalmente se precedida do tepe e de fricativas palatoalveolares. Os demais tipos de consoantes e vogais tendem a restringir ou mesmo bloquear o processo, como se pode constatar, por exemplo, em *leito*. Uma interpretação da tendência observada para a semivogal que precede fricativas é avançada por BISOL (1991, 1994) para quem, nesse contexto, tem-se na verdade falsos ditongos, gerados pelo espriamento de traços da consoante subsequente. Diferem dos verdadeiros ditongos em que a semivogal não pode ser cancelada, como em *peito* ou *meigo*.

A generalidade das restrições contextuais sobre a monotongação de [ey] é o que conduz, inclusive, alguns autores a uma análise separada desses dois contextos, como procedem CABREIRA (1996) e PAIVA (2003). Essa separação, aparentemente apenas metodológica, é reveladora de aspectos mais amplos sobre a natureza fonológica da monotongação de [ey], seu estatuto e direcionalidade no português contemporâneo.

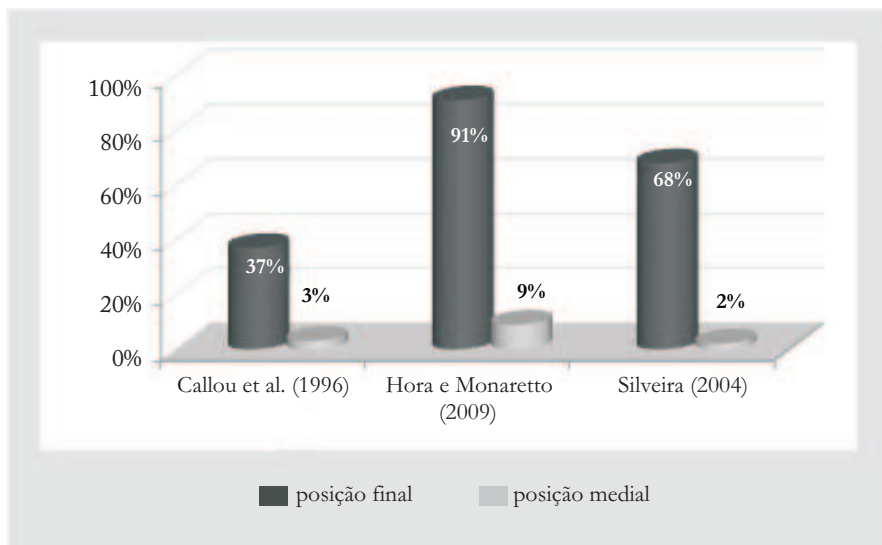
No que se refere à direcionalidade da monotongação de [ey], PAIVA (2003) mostra, através de um estudo da mudança em tempo real de curta duração, uma retração do cancelamento de [y] frente a palatais, em oposição a índices quase categóricos de supressão no contexto do tepe. Em que medida essa inversão de direcionalidade se inscreve em uma dinâmica que envolve outros fenômenos ligados à semivogal?

Uma explicação plausível é a de que a retração na monotongação de [ey] no contexto das fricativas alveopalatais esteja relacionada a outra tendência já atestada no PB, qual seja, a de inserção da semivogal anterior em contextos como *paysta*, *feysta*, *amoysta*, em que, pelo menos no dialeto carioca, a ocorrência desses segmentos em coda silábica constitui evidência adicional para a hipótese de BISOL (1991, 1994), ou seja, a de que o ditongo é gerado por um espraçamento do traço vocálico desses segmentos alveopalatais. Essa explicação pode alcançar igualmente a inserção da semivogal em contexto de outras fricativas, tanto em posição tônicas, como vimos acima, em posição final (*pays*, *deys*) ou em posições mediais pretônicas (*nayscimento*, *deyscer*), se admitirmos a hipótese de que, as alveolares possuem, em sua forma subjacente, o traço vocálico responsável pela geração do ditongo decrescente.

Passemos a seguir ao apagamento do rótico em coda. Como mostram diferentes trabalhos, para esse processo, destaca-se, em primeiro lugar, a posição do segmento na palavra (CALLOU, 1987; CALLOU *et alii*, 1996; SKEETE, 1996; OLIVEIRA, 1997; CALLOU *et alii*, 2001; MONARETTO, 1997, 2000, 2002; GREGIS, 2002; PIMENTEL, 2003; HORA, PEREIRA e MONARETTO, 2003; CARVALHO, 2008; BRESCANCINI e MONARETTO, 2009; HORA e WETZELS, 2010 e

SILVEIRA, 2010). Em relação à variável posição, o apagamento de /R/ é expressivamente mais recorrente em posição final do que na posição medial da palavra, como mostram alguns resultados esquematizados no gráfico 2:

GRÁFICO 2: Efeito da posição no apagamento do rótico em coda silábica



Como se pode esperar, as restrições fonotáticas que operam sobre a supressão do rótico em coda envolvem a posição desse segmento. Considerando, por exemplo, a posição medial, SKEETE (1996), HORA e MONARETTO (2003), HORA (1993), HORA e WEETZELS (2010) destacam a importância do traço [+ - contínuo] na realização/não realização do rótico, que é cancelado muito mais frequentemente em contexto de segmento [+ contínuo] (*força~foça, garfo~gafó, marcha~macha*) do que em contexto de segmento [- contínuo] (*parta, forca, arma*), como mostram os resultados de SKEETE (1996) e HORA e WETZELS (2010), esquematizados na tabela 1:

TABELA 1: Efeito de contexto subsequente no cancelamento de /R/ em posição medial (SKEETE, 1996; HORA e WETZELS, 2010)

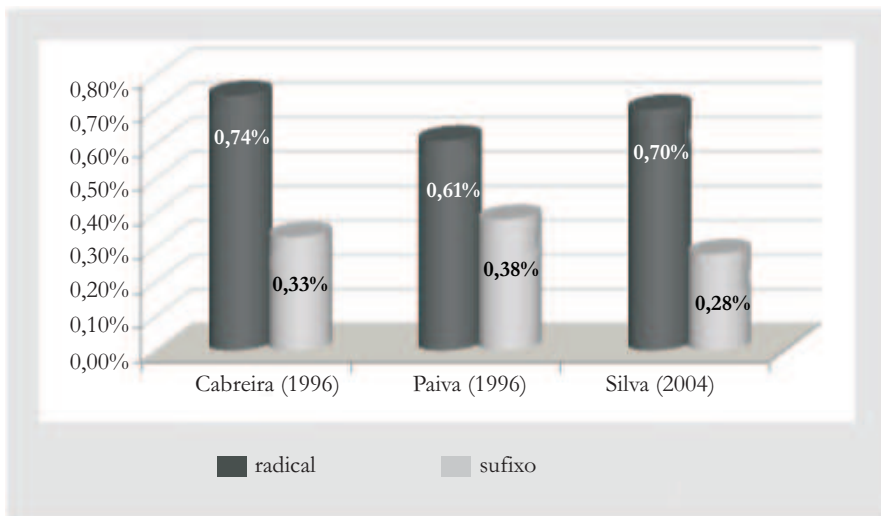
Contexto fonológico seguinte	Frequência	PR
[- contínuo]	821/8289 = 10%	0,02
[+ contínuo]	1353/1570 = 86%	0,90

1.2. A regularidade de fatores gramaticais

Consideremos neste ponto a importância de fatores gramaticais, nos dois fenômenos fonológicos focalizados. No que se refere à realização do ditongo decrescente, a natureza morfológica da semivogal, ou seja, sua ocorrência no radical ou no sufixo, ganha interesse particular, visto que a monotongação de [ey] no contexto de tepe envolve, em grande parte, o sufixo derivacional <eiro>, o que permite levantar questões relativas ao enviesamento da análise multivariacional.

Comparando trabalhos baseados em amostras de fala de três regiões distintas, João Pessoa (SILVA, 2004; Rio de Janeiro (PAIVA, 1996) e as três capitais do sul do Brasil (CABREIRA, 1996), observa-se que a restrição gramatical sobre a supressão/realização de [y] possui um efeito menos regular, como mostram os resultados do gráfico 3:

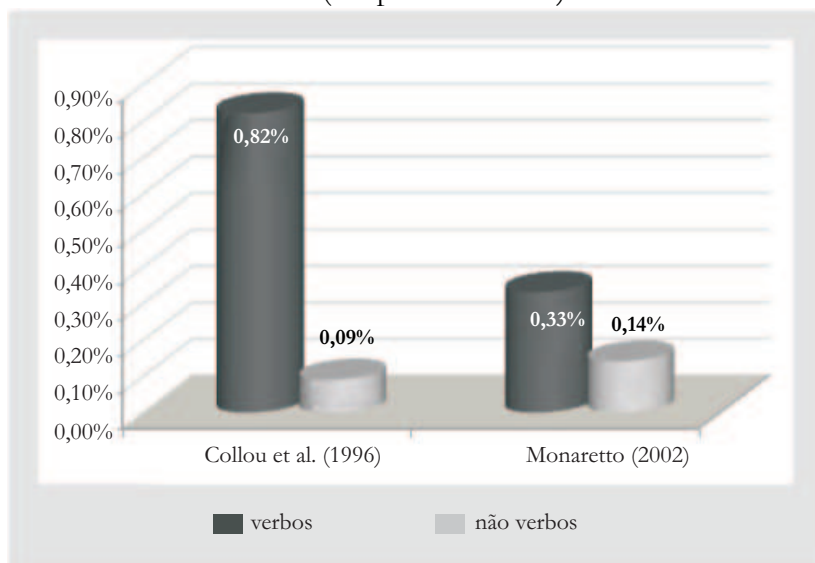
GRÁFICO 3: Efeito morfológico na monotongação de [ey] (em pesos relativos)



No gráfico 3, salienta-se, por um lado, o paralelismo da tendência atestada em João Pessoa e nas três capitais do sul do Brasil, com maior supressão de [y] no radical (*cadeira*, *beijo*), em oposição ao Rio de Janeiro, onde é atestada maior recorrência do processo no sufixo –eiro (*verdureiro*, *marceneiro*). Evidentemente, é difícil afirmar, sem uma análise mais cuidadosa, se essa divergência reflete a influência de particularidades regionais ou a forma de análise dos dados, ligeiramente diferente nos três trabalhos. Algumas evidências levam a crer, no entanto, que a tendência depreendida por CABREIRA e por SILVA seja empiricamente sustentável. CABREIRA (Op. Cit.) analisa separadamente os casos de monotongação em contexto de palatais e de tepe e atesta a relevância significativa da natureza morfológica de [y] na monotongação antes do tepe alveolar (1º grupo selecionado) e antes das fricativas palatoalveolares. Evidências adicionais são fornecidas por outros trabalhos como o de LOPES (2002), que verifica igualmente maior monotongação de [ey] nos radicais do que nos sufixos.

No que diz respeito ao rótico em coda, evidentemente, a restrição estrutural mostrada no gráfico 2 não é inteiramente independente da classe gramatical da palavra, já que esse segmento se investe de valor morfológico, como desinência do infinitivo. Como é de esperar, a classe gramatical se destaca como restrição significativa na totalidade dos trabalhos que consideram separadamente as posições interna e final. A regularidade/sistematicidade desse fator gramatical pode ser observada no gráfico 4, em que esquematizamos os resultados aferidos para a década de 90 nos trabalhos de CALLOU *et alii* (1996), para o Rio de Janeiro, e MONARETTO (2002), para Porto Alegre.

GRÁFICO 4: Efeito da classe gramatical no apagamento do rótico em coda silábica (em pesos relativos)



A direcionalidade no efeito do fator classe gramatical é nítida: verbos incrementam significativamente a média de apagamento do rótico, os demais tipos de item lexical restringem o processo. Inquestionavelmente, a tendência acima reflete, em grande parte, o comportamento particular dos infinitivos, contexto de maior recorrência do apagamento.

Que inferências são possíveis a partir das regularidades destacadas até aqui. Em princípio, o apagamento do segmento rótico poderia ser interpretado sob a ótica de um princípio funcional mais amplo, segundo o qual, a necessidade de preservação do significado opera no sentido de restringir uma mudança fonológica. Os resultados esquematizados acima contradizem, no entanto, essa expectativa. Eles colocam um fato empírico incontestável e induzem a uma outra reflexão acerca dos limites impostos por exigências funcionais à sistematicidade/regularidade da variação e à implementação das mudanças. Nesse sentido, podemos dizer que, se a análise de fatores estruturais é previamente direcionada por uma forma de concepção do sistema linguístico, ela contribui para a reformulação de princípios teóricos.

2. A regularidade de fatores sintático-semânticos

No nível sintático, um dos fatores que tem se destacado em caso de apagamento ou de realização fonética de pronomes é **a manutenção ou a mudança da função sintática do antecedente**, cujo efeito é destacado no trabalho pioneiro de OMENA (1979) para a implementação do objeto nulo no PB: um antecedente com idêntica função (objeto direto), como ilustrado em (1), favorece amplamente o objeto nulo, tendência confirmada por DUARTE (1989) para São Paulo, LUÍZE (1997) para Florianópolis, MARAFONI (2004) para o Rio de Janeiro, HORA e BALTOR (2007) para João Pessoa, entre muitos outros:

(1)

O Sinhozinho Malta está tentando convencer o Zé das Medalhas a matar [o Roque]_i. Mas ele é muito medroso. Quem já tentou matar [Ø]_i foi [o empregado da Porcina]_k. Ontem elej quis matar [Ø]_i. A empregada é que salvou [Ø]_i. Elej estava prontinho pra dar o tiro, quando a Mina chegou lá, passou um pito nele e convenceu [Ø]_k que ele não devia matar [Ø]_i. (Duarte, 1989)

Tendência similar pode ser constatada para o sujeito pronominal: um antecedente com a mesma função ainda é o contexto que permite a identificação de um sujeito nulo, ou seja, possibilita o apagamento num sistema que tende ao preenchimento, como destacado em análises funcionalistas (PAREDES SILVA 1988, entre outros) ou em análises que focalizam o parâmetro do sujeito nulo ((DUARTE 1995, BARBOSA, DUARTE & KATO 2005, entre outros). Todas as análises sobre o português falado no Brasil revelam que, embora em termos percentuais todos os contextos sintáticos revelem altas taxas de sujeitos pronominais preenchidos, estruturas em que um antecedente aparece na função de sujeito na oração principal (exemplo 2a) ou na oração imediatamente adjacente (exemplo 2b) constituem um contexto de favorecimento do sujeito nulo. Tal tendência é posta em relevo nas análises de pesos relativo e reforça a importância da manutenção da função do referente (línguas de sujeito nulo prototípicas, como o espanhol, o italiano e mesmo o português europeu preferem o sujeito nulo independentemente de um antecedente com igual função):

(2)

- a. [**Ele**]_i tremeu quando [\emptyset]_i foi tirar foto lá do cara. (Duarte, 1995)
- b. Agora [**as minhas filhas**]_i são mais preguiçosas. [\emptyset]_i Gostam muito de uma piscinazinha ou então malhar numa academia. (Duarte, 1995)

Um fator de natureza semântica, **a animacidade do antecedente**, é outra restrição cuja importância tem sido frequentemente apontada. A já referida análise de OMENA aponta 95% de objetos nulos quando o traço do antecedente é [-animado]. A regularidade dessa correlação é evidenciada em todas as pesquisas realizadas sobre esse fenômeno nas mais variadas regiões do Brasil³

³ Este é um fenômeno amplamente investigado no PB contemporâneo. Além dos já considerados acima, citem-se os trabalhos de Corrêa (1991), sobre a fala paulista; Pará (1997), sobre a

Por outro lado, o traço [+animado] favorece o preenchimento do sujeito, como mostram igualmente os diversos trabalhos empíricos realizados por todo o país⁴. A importância do fator animacidade nos processos de mudança em curso mencionados pode ser apreciada de maneira mais efetiva, quando associado à especificidade do referente. É o que propõe a hierarquia referencial apresentada em CYRINO, DUARTE e KATO (2000), com o objetivo de buscar uma explicação mais integrada para os sujeitos visíveis e objetos invisíveis no PB:

Hierarquia referencial

[não-argumento]	[proposição]	[-humano]	[+humano]
		3 p.	2 p. 1 p.

[-espec./+espec.]

[-ref] < ----- > [+ref.]

(Cyrino, Duarte e Kato, 2000:59)

Essa hierarquia, construída sobre bases empíricas, resultou de duas análises diacrônicas de peças teatrais brasileiras: a de Duarte (1993) sobre a implementação do sujeito expresso e a de Cyrino (1994, 1997) sobre a emergência e implementação do objeto nulo. A partir desses resultados, Cyrino, Duarte e KATO observaram que os dois processos de mudança seguiam caminhos opostos, obedecendo a uma mesma hierarquia referencial.

fala de pescadores do norte fluminense; Malvar (1992), sobre a fala de Brasília; Averbug (1998), Freire (2000) sobre diferentes amostras da fala carioca; Vieira (2004) sobre falares rurais afro-baianos; Neiva (2007) sobre a fala culta de Salvador. Nas análises com falantes não escolarizados, o clítico se encontra absolutamente ausente. Sobre o português europeu, ver Freire (2005) e Marafoni (2010).

⁴ A realização do sujeito pronominal é outro fenômeno largamente investigado no Brasil. Os resultados encontrados para a fala culta carioca em Duarte (1995) não se distanciam dos apontados por Alencar (1998) sobre a fala de São Paulo e Porto Alegre; Cavalcante (2001) sobre a fala de Alagoas; Laperuta (2003) sobre a fala de Londrina (PR); Paredes Silva (2003) e Duarte (2003), sobre a fala popular carioca; Ferreira (2003) e Carvalho (2005), ambos sobre a fala do Centro-Oeste, a primeira focalizando a fala rural da comunidade Kalunga e a segunda, a fala da Baixada Cuiabana; Almeida (2005), com base em amostras da fala de três comunidades do interior da Bahia.

A mudança em direção ao objeto nulo, como nos mostra a análise de Cyrino (1994, 1997), se implementa da esquerda, ou seja, a partir dos itens menos referenciais, afetando os objetos cujo antecedente é uma proposição (uma oração ou uma porção maior do discurso). Tais objetos podem ser retomados por um clítico neutro (*ø*), um pronome demonstrativo ou podem ser nulos, como mostra o exemplo (3a). Cyrino (Op Cit.) mostra ainda a interação entre o traço de animacidade e o de especificidade: o objeto nulo, atinge, a seguir, os antecedentes com o traço [-h/-espec] (exemplo 3b), depois aqueles com o traço [-h/+espec] (exemplo 3c) e encontra maior resistência quando o antecedente é [+h], embora os dados de fala espontânea já revelem ampla ocorrência de objeto nulo com esse traço (veja-se o exemplo em (1) acima, em que os antecedentes são todos humanos em competição com o pronome nominativo no exemplo (3d):

(3)

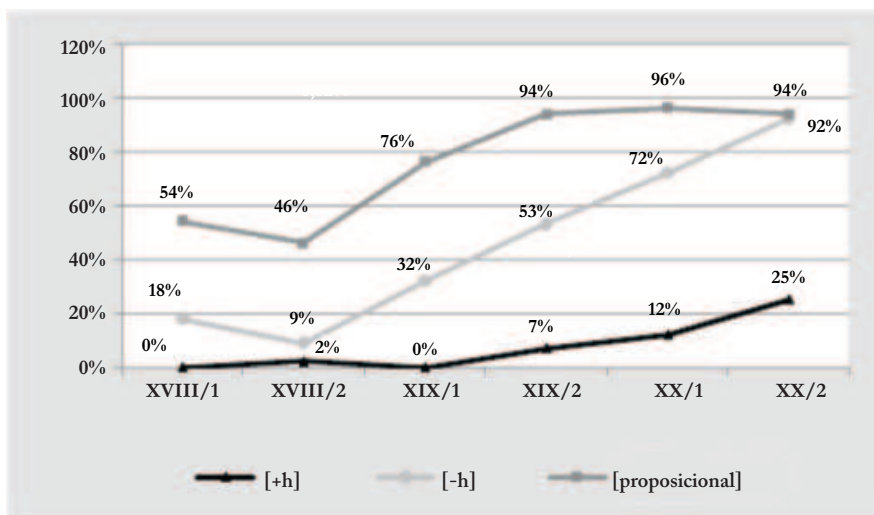
- a. - Também [satirizaras]_i, se souberas [*ø*]_i
 ([*ø*] = satirizar) (Séc. 17, Gregório de Matos)⁵ (se o souberas)
- b. Uma agência me indicou [um sobrado]_i na Praia Ferosa, mas o dono não quis alugar [*ø*]_i (1891)
- c. – Ela está lá dentro preparando [a jacuba]_i
 – Diga-lhe que traga [*ø*]_i, pois estou com muito calor. (1837)
- d. – E tu aceitou ele de volta? (1992)

No gráfico de Cyrino, publicado em Kato et al. (2006), pode-se observar essa trajetória de implementação ao longo de três séculos, com base na análise de peças de teatro: o preenchimento do objeto proposicional por um clítico neutro já se encontrava em variação com o objeto nulo na primeira metade do século XVIII, com 54% de ocorrências, chegando à segunda metade do século XX com 92% nas

⁵ Nos exemplos de peças teatrais aparece entre parênteses o ano em que a peça foi escrita.

peças analisadas. Os objetos nulos com o traço [-animado], inicialmente com tímidos 18%, crescem a partir do século XIX e chegam a 94%, na segunda metade do séc. 20. Os objetos com antecedente [+h] resistem ao preenchimento, exibindo índices que vão de 0% a 25%.

GRÁFICO 5: Efeito da hierarquia referencial na implementação do objeto nulo



Em relação ao sujeito pronominal, a análise de Duarte (1993), retomada em Cyrino, Duarte e Kato (2000) e aqui expandida, também com base numa amostra de peças de teatro escritas por autores, que nasceram e produziram sua obra no Rio de Janeiro, permite observar a atuação da hierarquia referencial no preenchimento do sujeito. Os exemplos a seguir ilustram sujeitos nulos e expressos, de primeira e segunda pessoa (4a-d), de terceira (5a,b), de referência arbitrária (6a-e) e, finalmente, os sujeitos proposicionais ou de “referência estendida”(7a,b), denominação utilizada por PAREDES SILVA (1985), como tradução para “extended reference subjects”, proposto por HALLIDAY e HASAN (1979):

(4)

- a. Quando [\emptyset_i] te vi pela primeira vez, [\emptyset_i] não **sabia** que [\emptyset_j] **eras** viúva e rica. (1845)
- b. Se **eu** ficasse aqui eu ia querer ser a madrinha. (1992)
- c. **Você** não entende meu coração porque **você** ‘tá sempre olhando pro céu e procurando chuva. (1992)

(5)

- a. [**Tua filha**]_i lamentar-se-á, [\emptyset_i] chorará desesperada, não importa (...) Depois que [\emptyset_i] estiver no convento e acalmar-se esse primeiro fogo, [\emptyset_i] abençoará o teu nome e, junto ao altar, no êxtase de sua tranquilidade e verdadeira felicidade, [\emptyset_i] rogará a Deus por ti. (1845)
- b. Agora ele não vai mais poder dizer as coisas que ele queria dizer. (1992)

(6)

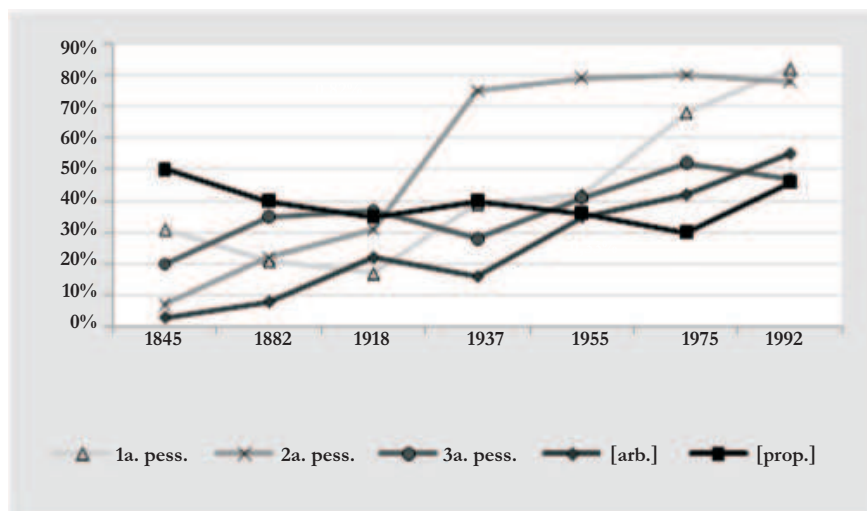
- a. [\emptyset_{arb}]_i **Fez-se**_i a duplicata, foi aprovada pelo poder competente, votou o Domingos, o seu compadre votou cinco vezes. (1882)
- b. No fundo, a fortuna é para quem sabe adquiri-la. [\emptyset_{arb}] **Pintam**-na cega... Que simplicidade... (1845)
- c. Ora, mamãe, é muito dinheiro Ainda mais com a situação de reviravolta no País, você nunca vai receber esse dinheiro É dinheiro demais! **Eles** não pagam! (1955)
- d. Pois é, o choque das individualidades vai lhe levando a fazer uma concessão atrás de outra **você**_i vai se desfibrando e depois de algum tempo já [\emptyset_i] segue embalada pelo hábito. (1975)
- e. A senhora não devia ter falado com ela assim, Dona Irene **A gente**_i fica muito sensível quando [\emptyset_i] está de barriga. (1992)

(7)

- a. Holly: [Eu serei Verônica]_i
 Dona Irene: **Isso**_i é um sacrilégio. Faça o favor de tirar
 essa roupa. (1992)
*(isso = o fato de Holly(um travesti) representar Verônica na
 Paixão de Cristo)*
- b. Júlia: [Você esperou-o vestida de quê?
 Cristina: De coelhinho da Playboy]_i
 Júlia: Não sei se [\emptyset]_i foi uma boa idéia. (1975)
(\emptyset = esperar o marido vestida de coelhinho da playboy)

O Gráfico 6, a seguir, mostra como se dá a implementação do sujeito expresso ao longo da hierarquia proposta⁶:

GRÁFICO 6: Efeito da hierarquia referencial na implementação do sujeito pleno



⁶ O eixo horizontal exibe o ano em que a peça foi escrita: 1845 (Martins Pena); 1882 (França Junior); 1918 (Gastão Tojeiro); 1937 (Armando Gonzaga); 1955 (Millôr Fernandes); 1975 (Carlos Eduardo Novaes); 1992 (Miguel Falabella).

Como se pode observar, a expansão do sujeito preenchido se faz mais rapidamente pelos itens mais referenciais, ou seja, aqueles com o traço inerentemente [+humano], localizados na extrema direita do *continuum*. O sujeito de segunda pessoa (*tu* ou *você*), que exhibe índice inferior a 10% de expressão no primeiro período analisado, atinge 78% no último; o de primeira pessoa parte de 30% para atingir 82% na peça de 1992. A seguir, vemos a linha de terceira pessoa, aqui considerando apenas os sujeitos de referência [+humana], que mostra uma trajetória mais lenta embora **ascendente: parte de 20% e chega a 47%** ⁷.

A linha que representa os sujeitos de referência arbitrária parte de 3%, mas cresce de forma mais consistente, atingindo 55% e superando a 3ª. pessoa (ver Vargas, 2010). Essa inversão se explica pela entrada dos pronomes *a gente* e *você*, tomados da primeira e segunda pessoas, a partir da segunda metade do século 20. Acrescente-se que tais sujeitos têm igualmente o traço inerentemente [+humano]. Finalmente, os sujeitos proposicionais, tal como mostra Cyrino para os objetos nulos proposicionais, mostram, pelo menos no período analisado, uma variação estável entre o uso do demonstrativo *isso* e um sujeito nulo (observamos 50% no primeiro texto e 46% no último).

Embora CYRINO, DUARTE e KATO (2000) e KATO *et alii* (2006) não cheguem a relacionar as causas dos dois fenômenos – o avanço do objeto nulo e do sujeito pronominal exposto – foi possível chegar a importantes generalizações sobre o curso da mudança, ressaltando a relevância de traços semânticos em processos envolvendo a pronominalização. Mais recentemente tem sido possível investigar esses fatos à luz da orientação parcial para o discurso, retomando os estudos clássicos de Pontes (1987) e a noção de microparâmetros de variação Baker (2008). Essas investigações permitem explicar a competição entre sujeitos nulos não referenciais, no extremo esquerdo do contínuo, com o preenchimento dessa posição através do alçamento de constituintes

⁷ Os dados de sujeitos com o traço [-animado] são raríssimos nas peças analisadas; pesquisa em andamento amplia o número de peças da amostra e fornecerá evidências para o percurso do processo refinando a atuação do traço [+/-animado], [+/-específico].

lexicais ou da inserção do demonstrativo (*isso*) ou do quase-expletivo (*você*) (ver DUARTE 2007; 2010; BERLINCK, DUARTE e OLIVEIRA 2007; DUARTE e KATO, 2008.)

Conclusões

Pelo que foi discutido ao longo deste artigo, pode-se concluir que o efeito de variáveis estruturais é replicável, ou seja, as tendências observadas a partir do estudo de uma comunidade de fala se reproduzem em outra, sinalizando, a ação de princípios mais gerais sobre a variação e a mudança, a questão mais importante, a nosso ver. Além disso, fornecem evidências acerca da forma como se interrelacionam diferentes processos de mudança em curso na língua. Portanto, podemos nos perguntar: em que medida as generalizações destacadas acima contribuem para a compreensão, por um lado, dos fenômenos de variação e, por outro, da forma de funcionamento da língua? Obviamente, a resposta a essa questão envolve uma relação dinâmica entre postura teórica e análise empírica. Entretanto, seja qual for a postura teórica, o que parece evidente é que, no que diz respeito a fenômenos variáveis no PB, o segmento subsequente e a classe gramatical são tão importantes para a variação e mudança fonético-fonológica quanto a função sintática e fatores semânticos são para a variação e mudança sintática

Referências

ABAURRE, Maria Bernadette; PAGOTTO, Emílio. **Palatalização das oclusivas dentais**: uma abordagem não linear. In: ABAURRE, M. B; RODRIGUES, A. C. **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

ALMEIDA, Norma L. F. De. **Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades do interior da Bahia**. Tese (Doutorado) - Linguística, IEL, Universidade de Campinas, 2005.

ARAÚJO, M. F. Ribeiro de. **A alternância /ei/~e/ no português falado na cidade de Caxias**. 1999. Dissertação (Mestrado) - Linguística, Universidade de Campinas, 1999.

AVERBUG, Mayra C. **Objeto direto anafórico: variação na produção oral e escrita e influência do ensino**. Anais do VII Congresso da ASSEL-RIO, Rio de Janeiro, 1998. p.680-687.

BALTOR, Cristiane da S. **Estudo variacionista do objeto direto de terceira pessoa em série anafórica no falar pessoense**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Paraíba. 2003.

BAILEY, G.; TILLERY, J. **Some sources of divergent data in Sociolinguistics**. In: FOUGHT, C. (Ed.). **Sociolinguistic variation: critical survey**. New York: Oxford University Press, 2004. p. 11-30.

BAKER, Mark. **The macoparameter in a microparametric world**. In: BIBERAUER, Theresa. **The limits of syntactic variation**. Amsterdam: John Benjamins. 2008. p. 351-372.

BARBOSA, Pilar; DUARTE, M. E.; KATO, M. A. **Null subjects in European and Brazilian Portuguese**. Journal of Portuguese Linguistics. Lisboa, v. 4, p. 11-52, 2005.

BERLINCK, R; DUARTE, M. E. L; OLIVEIRA, M. **Predicação**. In: M. A. KATO; NASCIMENTO, M. (org) **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: a construção da sentença**, vol III. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2007. p. 101-192.

BISOL, Leda. **Harmonização vocálica**: uma restrição variável. Tese Doutorado, UFRJ, 1981.

_____. **O ditongo na fonologia atual**. D.E.L.T.A. São Paulo, v.5, n.2, p.188-224, 1989.

_____. **O ditongo em português**. Revista da ABRALIN, n. 11, p.51-58, 1991.

_____. **Ditongos derivados**. D.E.L.T.A. São Paulo, vol 10, p. 123-140, 1994.

_____. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. (edição revista e ampliada). 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 1, 1999.

BRESCANCINI, Cecília; MONARETTO, Valéria. **Os róticos no sul do Brasil**: panorama e generalizações. Revista Signum. Cuiabá, v. 11, n. 2, p. 51-66, 2008

CABREIRA, Silvio Henrique. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre**. Dissertação Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.

CALLOU, D. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Tese Doutorado em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **As vogais pré-tônicas do falar carioca**. Estudos linguísticos e literários. Salvador, v.5, p. 151-162, 1986.

CALLOU, D.; MORAES, João; LEITE, Yonne. **Variação e diferenciação dialetal**: a pronúncia do/r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. (Org.) Gramática do português falado, v. VI. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p. 465-493

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. **Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil**. In: ABAURRE, B.; RODRIGUES, A. (org) **Gramática do Português falado: Novos estudos descritivos**. v. VIII, Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 537-556.

CARVALHO, Lucirene da Silva. **Os róticos em posição de coda: uma análise variacionista do falar piauiense**. Tese (Doutorado), Universidade Federal da Paraíba. 2008.

CARVALHO, Gislaine A. de. **A realização do sujeito na fala do Araguaense**. Dissertação (Mestrado), UNESP/Araraquara, 2005.

CAVALCANTE, M. Auxiliadora. **O sujeito pronominal em Alagoas e no Rio de Janeiro: um caso de mudança em progresso**. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Alagoas, 2001.

CORRÊA, Vilma R. **Objeto direto nulo no português do Brasil**. Dissertação (Mestrado), Universidade de Campinas, 1991.

CYRINO, Sônia. **O objeto nulo no português do Brasil - um estudo sintático-diacrônico**. Tese (Doutorado), Universidade de Campinas, 1994.

_____. **O objeto nulo no português do Brasil - um estudo sintático-diacrônico**. Londrina: Editora da UEL, 1997.

_____. DUARTE, M. Eugênia; & KATO, Mary A. **Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese**. In: KATO, Mary A.; NEGRAO, Esmeralda V. (eds.). **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt-Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 55-104.

DUARTE, Maria Eugênia L. **Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil**. In: TARALLO, F. (org) **Fotografias Sociolinguísticas**. Campinas: Pontes, 1989. p. 55-104.

_____. **Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil.** In: ROBERTS, I; KATO, Mary (org). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 107-128.

_____. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro.** Tese (Doutorado), Universidade de Campinas, 1995.

_____. **A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos.** In: PAIVA, M. C de; DUARTE, M. E. L. (orgs.). **Mudança linguística em tempo real.** Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003. p. 115-128.

_____. **Sobre outros frutos de um projeto herético: o sujeito expletivo e as construções de alçamento.** In: CASTILHO, A. et al. (Orgs.) **Descrição, história e aquisição do português brasileiro.** Campinas: Pontes, 2007. p. 35-48.

_____. **Weak inflectional system and topic prominence: the competition between null and overt subjects in BP.** IV Romania Nova Workshop, Campos do Jordão, 2010.

_____; KATO, Mary A. **Mudança Paramétrica e Orientação para o Discurso.** Congresso Anual da Associação Portuguesa de Linguística, Braga. 2008.

FERREIRA, Cíntia C. **A variação do pronome sujeito na fala da comunidade Kalunga.** Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília. 2003.

FIGUEIREDO SILVA, M. Cristina de. **O Objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro.** Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia. 2004.

FREIRE, Gilson. **Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana.** Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2000.

FOULKES, Paul. **Phonological variation** – a global perspective. In AARTZ, B; MCMAHON, A. (eds.) **Handbook of English Linguistics**. New York: Blackwell, 2006. p. 625-669.

GREGIS, H. **O apagamento da vibrante pós-vocálica em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1979.

HORA, Dermeval da. **A palatalização das oclusivas dentais: uma abordagem não linear**. D.E.L.T.A, São Paulo, v. 9, n. 2, p.175-193, 1993.

_____. **Variação fonológica: consoante em coda silábica**. In: TRAVAGLIA, I. C. (org) **Encontros da linguagem: estudos linguísticos e literários**. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 71-79.

_____; PEDROSA, Juliene L; MONARETTTO, Valéria. **O enfraquecimento e apagamento dos róticos**. In: HORA, Dermeval da; COLLISHON, Giselle (eds). **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: EDUEPB, 2003. p. 181-199.

HORA, Dermeval da; BALTOR, C. **Estudo variacionista do objeto anafórico no falar pessoense**. In: CASTILHO, Ataliba et al. (orgs.) **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007. p. 49-60.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, J. L; CARDOSO, W. **Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset?** Letras de Hoje. Uberlândia, v. 1, n. 45, p. 71-89, 2010.

_____. WETZELS, Leo. **Róticos: uma po[r]ta entre paraibanos e paulistanos**. Revista Linguística, ALFAL, v. 24, p.51-76, 2010.

KATO, Mary et al. **Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio**. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (orgs) **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/ Funcultura/Governo da Bahia, 2006. p. 413-438.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LAPERUTA, Maridelma. **A realização do sujeito pronominal: um estudo sociolinguístico paramétrico para a cidade de Londrina - norte do Paraná**. Dissertação (Mestrado), UNESP, Araraquara. 2003.

LOPES, Raquel. **A realização variável dos ditongos [ow] e [ej] no português falado em Altamira/PA**. Dissertação Mestrado, Universidade Federal do Pará. 2002.

LUÍZE, Terezinha B. **Entre o PE e o PB: o falar açoriano de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina. 1997.

MALVAR, Elisabete da S. **A realização do objeto direto de 3ª pessoa em cadeia anafórica no português do Brasil**. Dissertação Mestrado, UnB. 1992.

MARAFONI, Renata L. **A realização do objeto direto anafórico: um estudo em tempo real de curta duração**. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Letras, UFRJ. 2004.

MENDONÇA, Valdenice de A. **A língua falada na cidade de Mata Grande: a variação do objeto direto**. Dissertação (Mestrado), UFAL. 2002.

MONARETTO, Valéria N. O. **Um reestudo da vibrante**: análise variacionista e fonológica. Tese (Doutorado) - Letras, Faculdade de Letras, PUC-RS. 1997.

_____. **A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre**. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C. **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2002, p.253-267.

_____. **O apagamento da vibrante pós-vocálica na fala da capitais do sul do Brasil**. Letras de Hoje, Uberlândia, v. 35, n. 1, p. 275-284, 2000.

MOTA, Jacyra. **Variação entre /ei/ e /e/ em Sergipe**. In: FERREIRA, Carlota et alii. **Diversidade do português no Brasil**: estudos de dialetologia rural e outros. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988. p. 143-148.

NEIVA, Nordélia Costa. **Objeto direto anafórico de 3ª. pessoa na fala culta de Salvador**: o clítico em desuso. Dissertação Mestrado, Universidade Federal da Bahia. 2007.

OMENA, Nelize P. de. **Pronome pessoal de terceira pessoa**: suas formas variantes em função acusativa. Dissertação Mestrado, PUC-RJ. 1978.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Renalisando o processo de cancelamento de r em final de sílaba**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, n.2, p. 32-68, 1997.

PAIVA, Maria da Conceição de. **Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes**. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle; SCHERRE, Maria Marta P. (orgs). **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, 1996. p. 217-238.

_____. **O percurso da monotongação de [ey]:** observações no tempo real. In: PAIVA, M da C. de; DUARTE, M E. L. (orgs). **Mudança linguística em tempo real.** Rio de Janeiro: Editora Contracapa, 2003. p. 31-46.

PARÁ, Mara L. D. **Estratégias de representação do objeto direto correferencial:** um estudo variacionista. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1997.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia P. **É isso aí:** verbo *ser* e demonstrativos em função coesiva no português. PUC-RJ e UFRJ, 1985, ms.

_____. Vera L. **Cartas cariocas:** A variação do sujeito na escrita informal. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1988.

_____. **Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal:** uma análise em tempo real. In: PAIVA, Maria da Conceição Paiva; DUARTE, M. E. L. (orgs.) **Mudança linguística em tempo real.** Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003. p. 97-114.

PEREIRA, Regina Celi M. **A harmonização vocálica e a variação das médias pretônicas.** In: HORA, Dermeval da (org). Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade. João Pessoa: CNPQ/ILAPEC/VALPB, 2004. p. 111-128.

PIMENTEL, R. M. **A variação linguística do fonema /r/ na posição pós-vocálica.** Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2003.

PONTES, E. **O Tópico no Português do Brasil.** Campinas: Ed. Pontes. 1987.

SCHILLING-ESTES, Nathalie. **Introduction.** In: CHAMBERS, J.K; TRUDGILL, P; SCHILLING-ESTES. **The handbook of language variation and change.** Oxford: Blackwell, 2002. p. 203-205.

SILVA, Fabiana de Souza. **O processo de monotongação em João Pessoa.** In: HORA, Dermeval da (org) **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade.** João Pessoa: CNPq/ILAPEC/VALPB, 2004. p. 29-44.

SILVEIRA, Giselle da. **O apagamento da vibrante na fala do sul do Brasil sob a ótica da palavra.** Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2010.

SKEETE, Nadir Arruda. **Análise variável da vibrante na fala de João Pessoa.** Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Paraíba. 1996.

VARGAS, Amanda de S. **Estratégias pronominais de indeterminação: um estudo diacrônico.** Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2010.

VEADO, Rosa M. **A redução do ditongo** – uma variável sociolinguística. *Ensaio de Linguística*, Belo Horizonte, n. 9, p. 209-229, 1983.